

## “Yo no creo en brujas...”

Josimey Costa  
Jornalista

O caminhão antiquado sacolejava na estrada de barro, as rodas quase se escondendo nos buracos mais fundos do terreno. Ficava, por vezes, tão inclinado para um dos lados da estrada marginada por arbustos, que parecia estar-se contorcendo sobre seu próprio eixo ao ponto de quase partir-se em bandas. A carroceria era de madeira decorada com arabescos, os mesmos que se encontram nas carroças puxadas por burros que ainda hoje trafegam nas cidades pequenas. Sobre a carroceria, havia uma carga de cadeiras de ferro revestidas por canudos de plástico colorido. As cadeiras se empilhavam umas sobre as outras, cada uma de uma cor diferente, o plástico transparente reluzindo ao sol da tarde que já ia pelo meio. O efeito era o de uma borboleta gorda e empoeirada com grandes asas translúcidas, modulares e irisadas, que prometiam alçar vôo naquele instante, sem nunca cumprir a promessa.

Sozinha na encruzilhada, a mulher olhava o caminhão cada vez mais próximo do ponto onde a estrada poeirenta se cobria de asfalto. De cócoras, ela se apoiava num poste de sinalização, cuja placa indistinguível poderia ter sido reduzida a dentadas, não fosse tão encardida pelo tempo. Ela trazia um graveto na mão, que, até avistar o veículo, usava para desenhar estranhos hieróglifos no chão. A calça *jeans*, puída nos joelhos e em algumas costuras, parecia ter nascido com ela. O cabelo vermelho, que caía em cachos até pouco abaixo dos ombros, gritava em contraste com a camiseta preta, da mesma cor das botas de peão, com certeza herdadas de algum ancestral.

Quando o caminhão chegou à encruzilhada, parou com um estridente guincho de ferro contra ferro. A poeira subiu, densa, demorando a se decantar. Ela, então, endireitou-se e encarou o motorista, que devolveu por um momento o olhar, baixando a vista logo em seguida. Sem largar o graveto, ela pegou a mochila jogada no chão. A porta da boléia abriu-se e a mulher entrou, sem pressa e sem palavras. O motorista, um velho de pele cor-de-ferrugem apergaminhada pelo sol e pela idade, sequer a olhou novamente. Engatou a marcha e, depois de enxugar o suor da testa com a manga da camisa suja, entrou na trilha de asfalto.

Longe da poeira e dos buracos, o caminhão rodou quase tão suave quando um carro de passeio. Motorista e passageira não se fitavam, como se nem pressentissem a existência um do outro. A mulher mantinha o olhar na paisagem, absorta. O ar só vibrava com os rumores do caminhão. A viagem prosseguia monotonamente. Depois de um longo percurso sem paradas, o sol se pôs e a paisagem se escondeu na escuridão. De súbito, a mulher, até então ensimesmada, jogou-se para a frente e gritou. Foi um grito agudo e nervoso, misturado a palavras atropeladas e ininteligíveis. O velho, ato contínuo, diminuiu a marcha do caminhão, desviando para o acostamento e desligando o motor. Do lado do acostamento, havia um grande muro mal pintado e sem portões, cujo final se perdia no negror da noite.

O motorista passou um longo momento quieto, respirando de forma irregular até acalmar-se. Olhou, enfim, para a mulher, interrogando-a mudamente. Ela encolheu o ombros e mencionou um clarão, que lhe pareceu um outro veículo de grande porte avançando contra eles. O velho perscrutou a escuridão durante alguns minutos. Nada. Suspirou. De trás do banco, retirou dois cobertores e deu um deles a ela. Encostou-se na porta, encolhido o suficiente para não tocar a mulher, e levou muito tempo para adormecer.

A língua quente do sol no rosto do motorista despertou-o depois de um sono muito breve. Ele esticou-se devagar dentro da boléia exígua e lembrou-se, na mesma hora, da mulher. Sentou-se de repente. A outra ponta do banco estava vazia, a não ser pelo cobertor. A mochila não ocupava mais o mesmo lugar. Saindo, ele arroteou o caminhão, olhou para percurso que já tinham feito na estrada, para os arbustos do outro lado e não a viu. Subiu, então, novamente no caminhão e prosseguiu a viagem devagar, sem mais procurá-la.

Meia hora depois, chegando ao alto de uma longa descida, ele viu uma movimentação incomum no ponto da rodovia em que se interceptavam a ladeira em que vinha e a que à frente começava. Diminuiu a marcha e, sem surpresa, examinou a carreta atravessada no leito de asfalto. A carga de tijolos estava derramada, cobrindo o piche endurecido com uma camada fina e arenosa de cal. A polícia rodoviária já havia sinalizado as duas vias da estrada, obrigando todos os veículos a voltarem.

Chegando perto do acidente, pela janela, o velho perguntou a um dos policiais o que acontecera. O homem respondeu que o motorista havia adormecido ao volante e, com a velocidade da descida e o descontrole da direção, a carreta tinha virado. A coisa toda havia sido pouco tempo depois do pôr-do-sol, mas só quase pela manhã o motorista, apenas levemente machucado, conseguira alcançar o posto policial para avisá-los do ocorrido.

O velho não disse nada. Manobrou o caminhão e tomou o rumo de volta. Após algum tempo, divisou o muro mal-pintado. Nesse sentido da rodovia, era possível ver que o portão de entrada dava para uma estradinha lateral de terra.. Acima do portão, feito moldura, havia um arco de ferro pintado e descascando, encimado por uma cruz.. Do lado direito do muro, na beira do asfalto, estavam as marcas de pneu que testemunhavam o pernoite do caminhão sob a égide de um cemitério.